

sensibilização sobre
gênero, sexualidade e saúde:
ideias e experiências

REALIZAÇÃO:



PATROCÍNIO:

PROGRAMA
PETROBRAS
DESENVOLVIMENTO
& CIDADANIA



PETROBRAS

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

PATROCÍNIO:

PROGRAMA
PETROBRAS
DESENVOLVIMENTO
& CIDADANIA



GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

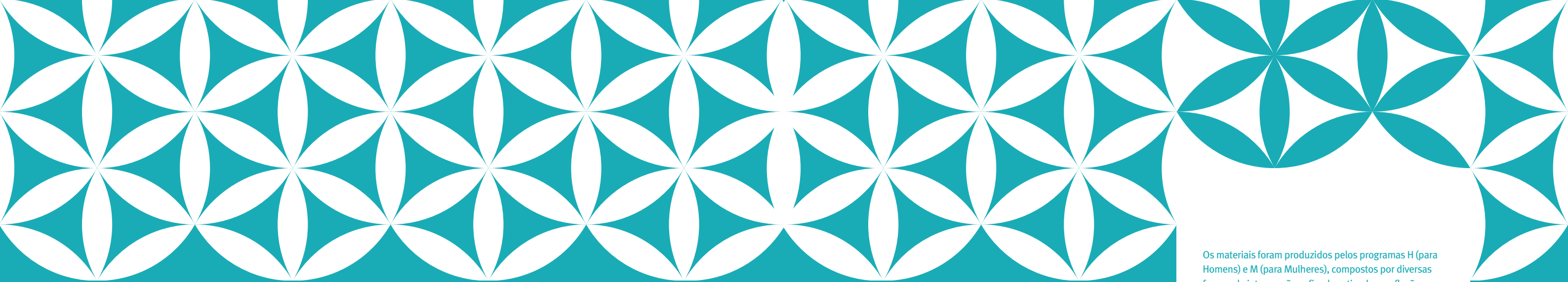
REALIZAÇÃO:



Maio 2012



apresentação	4
painel das oficinas	6
experiências	16
resultados	24
anexos	36



Em 2011 e 2012, com o patrocínio da Petrobras, o Instituto Promundo realizou 68 oficinas de Sensibilização sobre Gênero, Sexualidade e Saúde

em 38 cidades localizadas em 14 estados: Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, São Paulo e Sergipe. Com o objetivo de promover o questionamento de normas rígidas de gênero e refletir sobre as influências destas normas na saúde sexual e reprodutiva de adolescentes e jovens, as oficinas ofereceram ferramentas educativas e promoveram debates e troca de experiências a partir do encontro entre profissionais de diferentes áreas e moradores de comunidades.

Todo o processo foi marcado por momentos de reflexão, atualização e construção coletiva de conhecimento sobre os temas *gênero, sexualidade, direitos sexuais e reprodutivos e violência*. As/os participantes discutiram direitos, práticas, sentimentos, silêncios e costumes. Debateram os desafios do cotidiano e da interdisciplinaridade e refletiram sobre como nossas ações podem contribuir para o respeito e o acolhimento, além de reconhecer, afirmar e divulgar direitos. As experiências vividas nas oficinas mostraram profissionais de assistência social, educação e saúde, integrantes de conselhos tutelares e de direitos, moradores/as de comunidades remanescentes de quilombos, áreas rurais ou de grandes cidades, dispostos/as a compartilhar dúvidas, saberes, dificuldades, memórias e vivências.

Ainda como parte do programa da oficina foi proposta a elaboração de planos de ação para serem realizados nas instituições ou comunidades dos/as participantes. Para apoiar a efetivação desses planos, cada participante recebeu materiais desenvolvidos pelo Instituto Promundo para abordar o tema da equidade de gênero: um manual de atividades e os DVDs *Minha vida de João, Era uma vez outra Maria* e *Medo de quê?* (ver box ao lado)

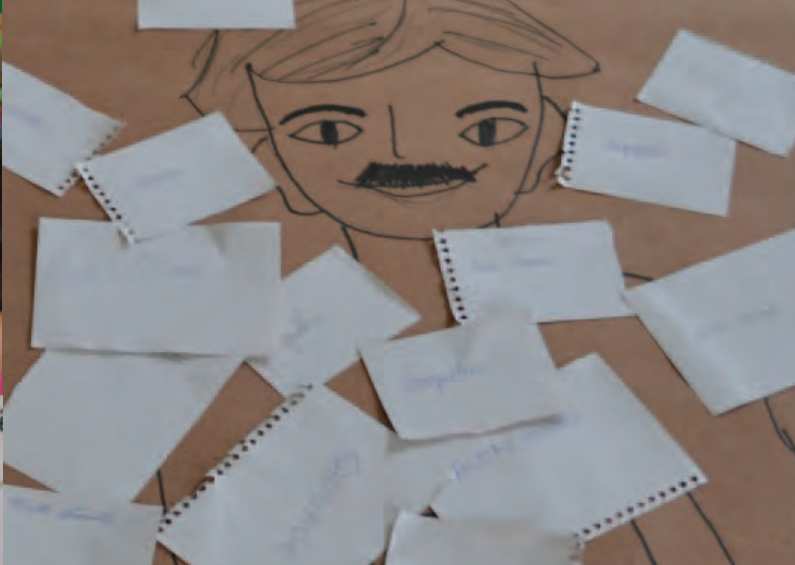
Nesta publicação, temos o objetivo de contar um pouco deste projeto, apresentando resultados gerados a partir das oficinas e dos planos de ação e retratando um pouco deste aprendizado coletivo.

Boa leitura!

Instituto Promundo e Petrobras

Os materiais foram produzidos pelos programas H (para Homens) e M (para Mulheres), compostos por diversas formas de intervenção, a fim de estimular a reflexão e engajar mulheres e homens jovens em ações voltadas para a promoção da equidade de gênero. As publicações “*Manual H: Trabalhando com homens jovens*” e “*Manual M: Trabalhando com mulheres jovens*” e os DVDs foram desenvolvidos originalmente por quatro organizações não-governamentais latino-americanas que tinham uma experiência significativa no trabalho com homens jovens: Promundo (coordenador da iniciativa), ECOS (São Paulo, Brasil), Instituto PAPAI (Recife, Brasil) e Salud y Género (México). Em 2010, os Programas H e M foram ganhadores do III Prêmio Melhores Práticas que incorporam a perspectiva da Equidade de Gênero na Saúde do Adolescente e Jovem do Escritório de Gênero, Diversidade e Direitos Humanos da Organização Panamericana de Saúde.

Os dois Programas (H e M) são constituídos principalmente por atividades educativas que buscam criar um espaço seguro e de confiança para o questionamento de normas e ideias rígidas de gênero, através de atividades que utilizam diversos recursos, tais como ações de mobilização, atividades lúdicas e debates sobre aspectos positivos e negativos da socialização de homens e mulheres, e as vantagens de mudar certos comportamentos. Mais informações sobre os programas H e M e sobre os materiais educativos estão disponíveis no site do Instituto Promundo em www.promundo.org.br.



deias rígidas a respeito do que significa ser homem e ser mulher afetam as escolhas e possibilidades sobre sexualidade e saúde.

A origem de muitos comportamentos e práticas - tais como negociação de relações sexuais, uso do preservativo, utilização de métodos contraceptivos, autocuidado, educação de crianças e até mesmo uso da violência para a resolução de conflitos - está baseada na forma como homens e mulheres são socializados/as. Além disso, muitas perspectivas desconsideram a pluralidade das formas de ser mulher ou homem, dando margem ao surgimento de formas ora sutis, ora explícitas, de preconceito, discriminação e violências. Diante desse contexto, as oficinas de Sensibilização sobre Gênero, Sexualidade e Saúde tiveram o objetivo de abrir espaços de reflexão e questionamento coletivo destas normas e estimular a discussão sobre ações integradas e capazes de construir novas respostas para tantas desigualdades.

Embora as oficinas fossem organizadas a partir de um programa único, a diversidade foi uma característica de todas elas. Em cada grupo, um tema teve mais destaque e os cruzamentos de ideias e informações foram múltiplos. Direitos sexuais e reprodutivos, igualdade de gênero, violência contra a mulher, sexualidade na infância ou na terceira idade, diversidade sexual, socialização dos homens, gravidez na adolescência, uso dos preservativos masculino e feminino... As discussões, por vezes, contribuíram para a reflexão sobre trajetórias individuais, mas o foco foi o cotidiano do trabalho em escolas, grupos comunitários, unidades de saúde, centros de referência em assistência social, serviços de saúde mental e demais instituições que enviaram seus representantes para participar das atividades.

A articulação entre os temas tratados nas oficinas foi destacada pelos/as participantes como um ponto positivo do programa. Procuramos chamar a atenção para a artificial separação dos temas na realização de ações voltadas para adolescentes e jovens. Ao trocar experiências, os/as próprios/as participantes constataram essa lacuna em diversas questões, como a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, que não pode ser feita descolada do questionamento das relações desiguais de poder entre homens e mulheres, que podem afetar o uso do preservativo. Na atividade sobre os **direitos sexuais e direitos reprodutivos**, refletimos sobre a afirmação e a violação de direitos, o respeito à identidade, a construção da igualdade e buscamos aprofundar o conhecimento sobre estes direitos relacionando-os aos direitos humanos.

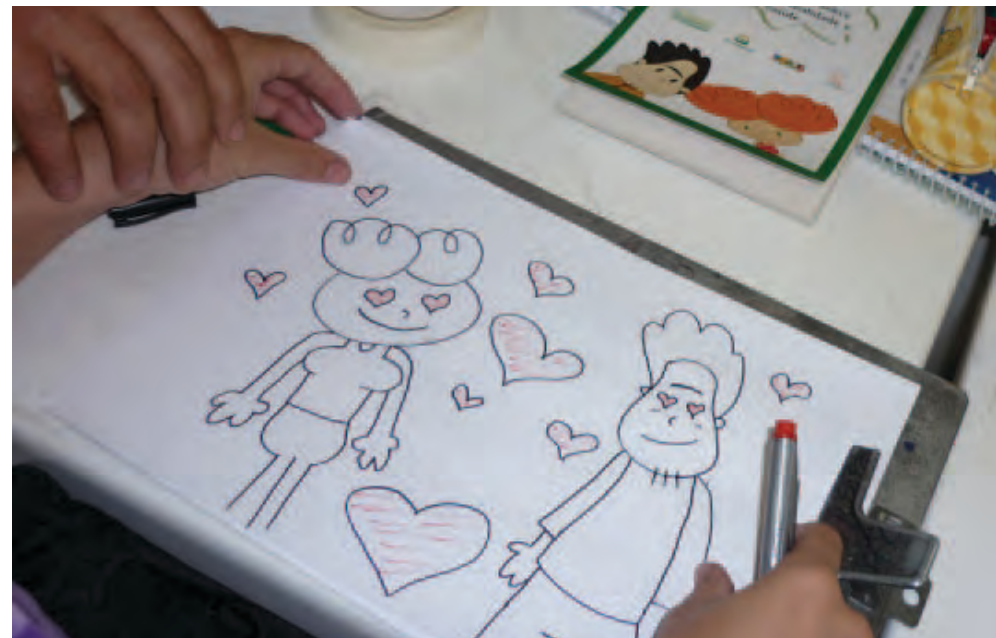
Em muitos grupos, a questão da saúde sexual e a saúde reprodutiva, tratada a partir da perspectiva de direitos, era um tema pouco conhecido e suscitou discussões ricas sobre gravidez na adolescência, sexualidade infantil, orientação sexual e sobre avanços e dificuldades do país nestas temáticas. A violação aos direitos sexuais e reprodutivos surgiu como um desafio importante a ser enfrentado em nosso cotidiano.

No Brasil de 2011 e 2012, de muitas realidades, a **igualdade de direitos de mulheres e homens** continua um tema cercado por muitos desafios e o tempo da mudança em cada contexto não é o mesmo. “O mais importante foi que aprendi que tanto o homem como a mulher tem os mesmos direitos”; “Entendi que o fato de ser mulher não me torna inferior perante um homem, que não preciso ter vergonha em falar sobre sexo e que procurar me prevenir nada mais é do que um direito meu” - são frases de mulheres participantes de oficinas no interior do país. A constatação da continuidade da aguçada diferença na educação de meninas e meninos – com exi-

DA ESQUERDA PARA A DIREITA:
Mogi das Cruzes(SP), Sirinhaém(PE)

“Levo de positivo as diferentes opiniões, valorizando ainda mais o respeito ao próximo, respeito às diferenças.

BRASILÂNDIA, MATO GROSSO DO SUL



gências restritivas de direitos e de possibilidades para ambos – demonstra o quanto ainda temos que avançar. Ao discutir sobre as normas de gênero, questionamos modelos tradicionais de “ser homem” e “ser mulher” que acentuam a vulnerabilidade de homens e mulheres às doenças sexualmente transmissíveis e às violências. Em comunidades de áreas rurais do país, nas quais as informações sobre saúde e direitos ainda chegam mais lentamente, também tivemos um espaço para dúvidas sobre temas como transmissão das DST/Aids, uso da camisinha ou gravidez.

O exercício da **sexualidade** – em muitos contextos limitado pelas desigualdades, pelos estereótipos de gênero atribuídos a mulheres e homens, pela desinformação e pelas violências – ainda está longe de ser pautado pela garantia de direitos. Os direitos à informação e à prevenção ainda são negados sistematicamente para adolescentes e jovens. Muitas normas e crenças desestimulam que as mulheres tomem a iniciativa do uso do preservativo ou possam assumir e decidir livremente sobre sua vida sexual.

Os homens, por sua vez, não são incentivados a conversar com sua parceira sobre o tema, nem a cuidar de sua saúde sexual e reprodutiva: desde pequenos, aprendem que isto é assunto para as mulheres.

Tratar destes assuntos implica repensar preconceitos, tabus relacionados à sexualidade e dinâmicas de poder. Assim, outra discussão que ganhou corpo nas oficinas – tornando-se um tema preponderante em algumas delas – foi a questão da **diversidade sexual**. Ao contextualizar a privação de direitos da população LGBT¹ como um dos reflexos das relações de poder que hierarquizam práticas, valores e orientações sexuais, as oficinas se configuraram em um cenário de problematização e questionamento de estereótipos e desigualdades.

“Gostei muito da oficina e do material disponibilizado, que conseguiu abordar temas importantes apesar do tempo curto”.

RIO DE JANEIRO, RJ

1. Sigla utilizada para designar a população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.

“ O mais importante que aprendi foi que tanto o homem como a mulher têm os mesmos direitos”. ITAPORANGA, SERGIPE

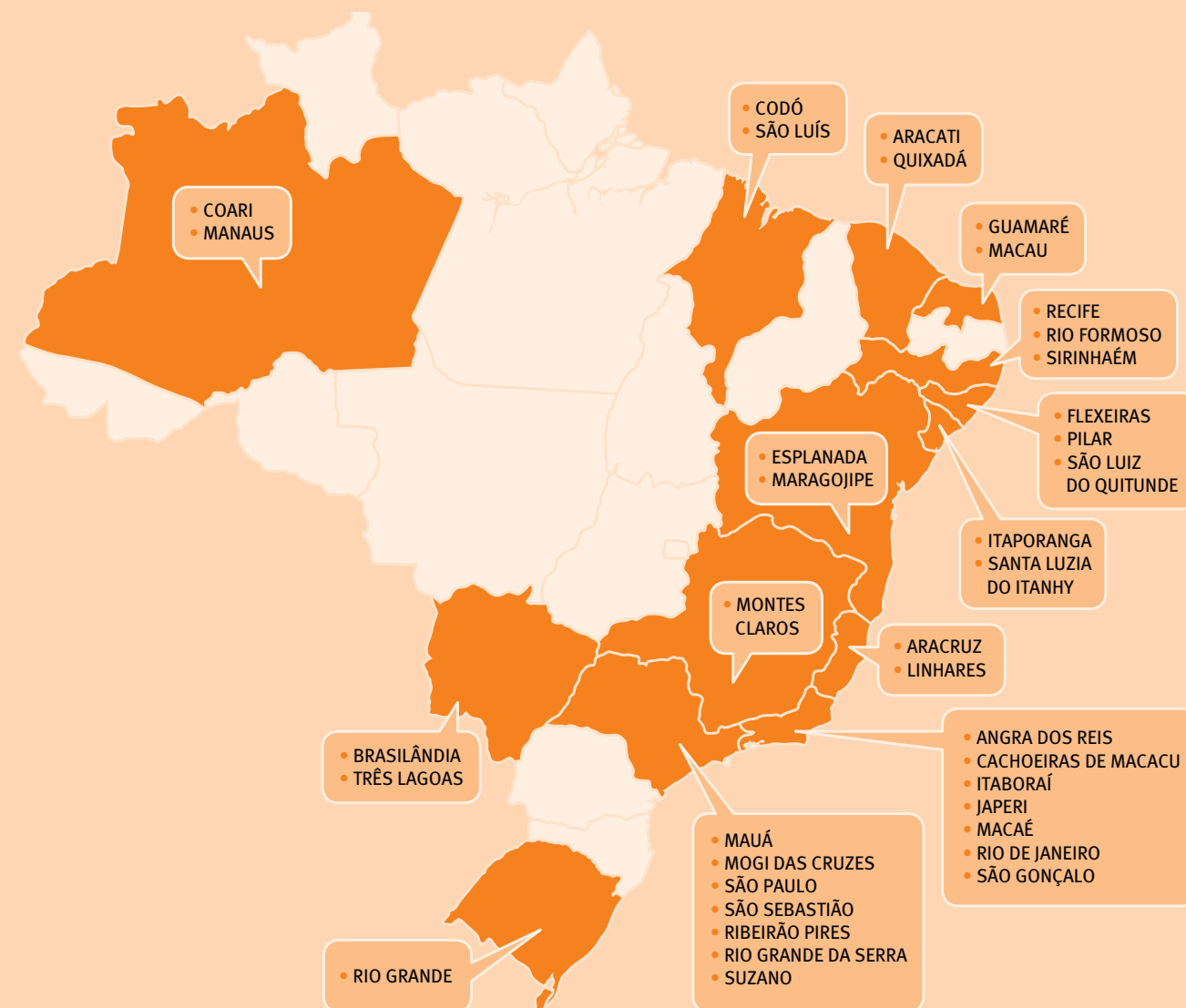
Ao tratar do tema da **violência**, buscamos desnaturalizar as diversas formas de violência, amparadas em relações desiguais de poder, que praticamos e sofremos no nosso cotidiano. Discutimos a violência como uma estratégia de subordinação empregada contra mulheres e crianças, população negra, população LGBT e problematizamos a socialização de meninos, adolescentes e jovens baseada na imposição de ideias e valores ou de “provas” de masculinidade a partir do recurso à violência.

Em suas avaliações, muitos/as participantes das oficinas destacaram a **troca de experiências**, proporcionada nos debates, como um dos aspectos mais positivos desta iniciativa. “A interação de todos os participantes”, “o debate sobre vivências do dia-a-dia”, “aprender com as diferenças dos outros” foram alguns dos aspectos positivos mencionados nos depoimentos. “A construção de temas no coletivo pra mim foi muito enriquecedor. Me ajudou a vislumbrar situações profissionais”, disse uma participante da cidade de Aracruz (Espírito Santo).

Por vezes, as oficinas funcionaram como um espaço de motivação pessoal e profissional e alguns depoimentos foram ilustrativos neste sentido. De acordo com estas falas, a exposição às oficinas contribuiu para “não desistir da mudança na sociedade, lutar e contribuir para essas transformações!” ou “mais experiências para trabalhar com nossos alunos”, conforme disseram duas professoras da cidade de Cachoeiras de Macacu (Rio de Janeiro), em abril de 2011.

Vimos todo este processo como a possibilidade de oferecer ferramentas e construir um espaço de diálogo visando a fortalecer ações cotidianas – pequenas, mas fundamentais – comprometidas com a mudança social. Reconhecemos que muitos destes temas são delicados e difíceis e que há ainda muitos desafios a serem enfrentados, mas estamos avançando em um processo coletivo de afirmação de direitos. Assim, o relato de uma participante da cidade de Brasilândia (Mato Grosso do Sul) é exemplar: “Levo de positivo as diferentes opiniões, valorizando ainda mais o respeito ao próximo, respeito às diferenças”.

LOCALIDADES ONDE ACONTECERAM AS OFICINAS



Suzano (SP)



Aracruz (ES)



“Gênero é um tema que não abordamos e sim sexualidade. Adquiri mais conhecimento para poder trabalhar nas oficinas”. RIO GRANDE, RIO GRANDE DO SUL



“Aumentou ainda mais a minha visão em lutar contra qualquer que seja o preconceito”. SÃO GONÇALO, RIO DE JANEIRO

DE CIMA PARA BAIXO: Flexeiras (AL), Macau (RN), São Sebastião (SP), Cachoeiras de Macacu(RJ)



“Eu não conhecia a camisinha feminina e gostei de ter conhecido porque ela é bem prática e talvez mais confortável para as mulheres”. QUIXADÁ, CEARÁ

experiências



Um dos componentes do programa das oficinas de Sensibilização sobre Gênero, Sexualidade e Saúde foi a elaboração pelos/as participantes de planos de ação

voltados à promoção de saúde sexual e saúde reprodutiva e a promoção da equidade de gênero. Até maio de 2012, foram organizados mais de 360 planos para serem desenvolvidos em diversos contextos: escolas, unidades de saúde, associações comunitárias, organizações não-governamentais, igrejas, áreas de lazer das comunidades, ruas, empresas, universidades, conselhos tutelares, centros de referência em assistência social, centros de atenção psicossocial, entre outros.

Refletindo sobre sua atuação profissional ou comunitária, os/as participantes identificaram temas e problemas para serem trabalhados em uma ação educativa, com o apoio dos materiais oferecidos pelo projeto: o caderno “Trabalhando com mulheres e homens jovens: manual de atividades educativas para a sensibilização sobre gênero, sexualidade e saúde” e os DVDs. As técnicas, criadas a partir da experiência de um conjunto de organizações e da participação de jovens, foram testadas em diversos contextos e países e podem ser aplicadas tanto por educadoras/es, professoras/es, agentes de saúde ou adolescentes e jovens. Também foram distribuídos na oficina três DVDs, igualmente criados e testados no âmbito dos programas H e M: “Minha vida de João”, “Era uma vez outra Maria” e “Medo de quê?”, que tratam, entre outros, de temas como socialização de gênero, primeiras experiências sexuais, diversidade sexual, paternidade e cuidado, gravidez na adolescência e homofobia. Para muitos dos/as participantes, a atuação com esses temas já faz parte do cotidiano. Assim, os materiais distribuídos são ferramentas a mais para o trabalho.

“Gostaria que mais espaços fossem criados para discutir estas temáticas”.

ANGRA DOS REIS,
RIO DE JANEIRO

Entre os temas mais selecionados nos planos de ação elaborados, a prevenção de violência em escolas, a sensibilização sobre gênero e sexualidade e a divulgação de informações sobre saúde sexual e saúde reprodutiva ganharam destaque e foram abordados por meio de diversas estratégias de ação. Parte dos planos enfocou a sensibilização e mobilização de homens pelo fim da violência contra as mulheres, um viés novo para o trabalho, conforme apontado em depoimentos de participantes. E os objetivos e propostas abordaram uma ampla gama de preocupações: “ajudar as marisqueiras sobre sexualidade e saúde”; discutir violência sexual; esclarecer dúvidas de adolescentes sobre uso do preservativo; discutir com as crianças sobre os diversos tipos de violência; sensibilizar sobre gênero e sexualidade; divulgar os direitos sexuais e os direitos reprodutivos; sensibilizar mães e pais sobre o tema da prevenção da violência contra crianças, etc.

Embora propostas de realização de oficinas participativas, palestras e rodas de conversa tenham predominado entre as estratégias escolhidas para colocar as ações em prática, também foram previstas atividades variadas como:



- formação de grupos de adolescentes e grupos de mães/pais/responsáveis na comunidade;
- formação de grupos de estudo sobre o tema entre as equipes de profissionais;
- teatro com fantoches;
- caminhadas;
- camelôs educativos²;
- organização de eventos para públicos de diversas faixas etárias;
- criação de peças de teatro;
- gincanas educativas;
- construção de cartilha informativa sobre sexualidade e saúde voltada para jovens e adolescentes;
- criação de jogos educativos;
- inclusão dos temas nas oficinas já realizadas para adolescentes e para planejamento familiar nas unidades básicas de saúde e nas visitas domiciliares dos/as Agentes Comunitários de Saúde;
- realização de campanhas educativas na escola e na comunidade;
- oficinas com gestantes;
- inclusão dos temas nos eventos promovidos na comunidade (Dia Internacional da Mulher, cafés da manhã, dia do idoso);
- panfletagem;
- organização de mostras dos vídeos “Minha vida de João”, “Era uma vez outra Maria” e “Medo de quê?”;
- promoção de encontros entre casais;
- criação de projeto voltado para discutir sexualidade na terceira idade;

AO LADO: São Paulo (SP). ABAIXO: São Luís (MA)

- encontros de reflexão sobre como as questões de gênero são vivenciadas nas diferentes fases da vida;
- utilização dos materiais da oficina nas ações dos Programas Saúde na Escola e Saúde e Prevenção nas Escolas e formação de multiplicadores via educação permanente para profissionais de saúde;
- atividades de divulgação do Disque 100 (para denunciar violações de direitos humanos);
- criação do “Dia da Prevenção das DST/Aids” para o desenvolvimento de ações mais específicas;
- realização de oficinas populares para prevenção à violência doméstica e familiar contra a mulher e crianças;
- encontros para trocas de experiências.



2. “Camelôs educativos” são barraquinhas montadas em locais de grande circulação de moradores de comunidades para distribuição de materiais informativos e camisinhas e para a realização de conversas sobre prevenção das DST/Aids e tuberculose. A estratégia foi criada e é bastante utilizada por lideranças comunitárias envolvidas no trabalho de educação para a saúde no Rio de Janeiro.

São Gonçalo (RJ)



Os planos de ação refletiram questões relacionadas ao cotidiano dos/as participantes e as dificuldades de abordar temáticas como gênero, sexualidade e violência. Ao indicarem as principais dificuldades para a realização das ações previstas, os/as participantes incluíram: “tabus relacionados ao tema da sexualidade”, a falta de espaço adequado, poucas possibilidades de abordar os temas de forma sistemática, dificuldade para sensibilizar pais/responsáveis para erradicação da violência física e psicológica, obter a participação dos homens nas atividades, a falta de materiais educativos para distribuição, a não aceitação da discussão dos temas por algumas famílias, profissionais ou instituições, ter que adequar as atividades para as diferentes faixas etárias dos/as participantes.

“Achei importante a quebra de tabus, que o homem pode tudo e a mulher tem que ser submissa”.

MAUÁ, SÃO PAULO



Santa Luzia do Itanhy (SE)

“Acho que mudou no meu comportamento a forma de educar o menino, de achar que ele tem que ser mais grosso, que dengo é coisa de menina. Agora eu penso que podemos, sim, criar o menino de uma forma mais carinhosa para que no futuro ele também trate as pessoas com o mesmo carinho”.

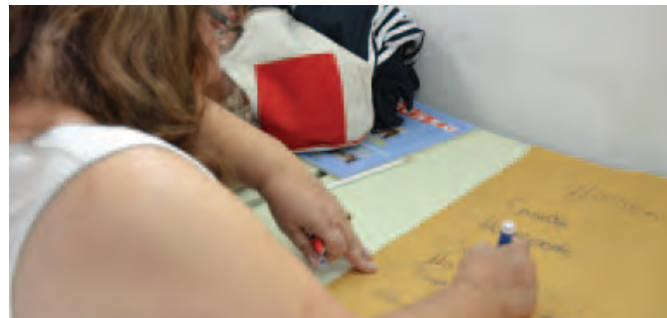
SÃO ROQUE DO PARAGUAÇU (MARAGÓIPE), BAHIA

Os desafios são contínuos e não há resposta única ou pronta para eles. Dessa forma, qualquer que fosse a atividade desenvolvida, o importante era a criação de espaços de troca de informações confiáveis e de questionamento de mitos e de normas que geram relações desiguais entre homens e mulheres, entre adolescentes e adultos. Com esse sentido foram elaboradas muitas das propostas, como as relacionadas a um espaço fundamental em toda essa discussão: a escola. Nesta perspectiva, e reforçando a necessidade de incorporação sistemática de reflexão e ação sobre direitos sexuais e direitos reprodutivos no cotidiano escolar, uma profissional de educação declarou: “A escola é o espaço de afetividade, do cuidado com a saúde, do respeito à diversidade, do incentivo à pergunta, pesquisa, criação de novas respostas e da construção de pontes entre a escola, a família e a comunidade”.

Os desafios são, a cada dia, em cada contexto, encontrar possibilidades de reflexão, de diálogo, de superação de estigmas e de construção de espaços plurais, para uma vida mais saudável e feliz.



Cachoeiras de Macacu (RJ)



DA ESQUERDA PARA A DIREITA, DE CIMA PRA BAIXO: Mauá (SP), Brasilândia (MS), Pilar (AL), Itaboraí (RJ), Guamaré (RN), Enseada do Paraguaçu (Maragogipe/BA), Aracati (CE), Manaus (AM)



“O mais positivo foi o entrosamento dos participantes em relação ao debate”. FLEXEIRAS, ALAGOAS



“O que mais gostei foi a diversão, ver pessoas se portarem de forma inesperada.”
SÃO SEBASTIÃO, SÃO PAULO



resultados

SOBRE O IMPACTO DAS OFICINAS

Em 2002, o Instituto Promundo desenvolveu em conjunto com a organização *Population Council/Horizons Program* uma Escala de Equidade de Gênero para Homens (*GEM Scale*, na sigla em inglês) para mensurar atitudes em relação à masculinidade e às normas de gênero. Nas oficinas do projeto de Sensibilização sobre Gênero, Sexualidade e Saúde, utilizamos alguns itens da escala GEM original e da escala sobre empoderamento da mulher (*Gender Equitable Scale for Women*, desenvolvida pela *World Education*) para conhecer as atitudes dos/as participantes sobre temas como equidade de gênero, violência contra a mulher e diversidade sexual. Os/as participantes responderam a dois questionários sobre percepções referentes a estes temas: um pré-teste, no início da oficina, e um pós-teste no encerramento da atividade. Ambos podem ser consultados no final desta publicação. Aqui trazemos os resultados sistematizados e uma análise dessas respostas sobre o impacto das oficinas. Os questionários nos permitem ainda conhecer um pouco mais sobre os/as participantes.

“Acho negativo saber que temos esclarecimentos, mas que ainda estão distantes de muitas mulheres e jovens por causa da submissão e do medo”.

CODÓ, MARANHÃO

As questões trataram de situações envolvendo decisões sobre saúde sexual e saúde reprodutiva, uso de violência, socialização de meninos, decisões referentes à vida familiar, entre outras, ou seja, questões que podem indicar regras rígidas de gênero relacionadas ao desequilíbrio de poder nas relações entre mulheres e homens, mas ainda naturalizadas em nossa sociedade. Nossa intenção foi – além de conhecer um pouco dessas opiniões e quais temas são mais facilmente aceitos

Angra dos Reis (RJ)

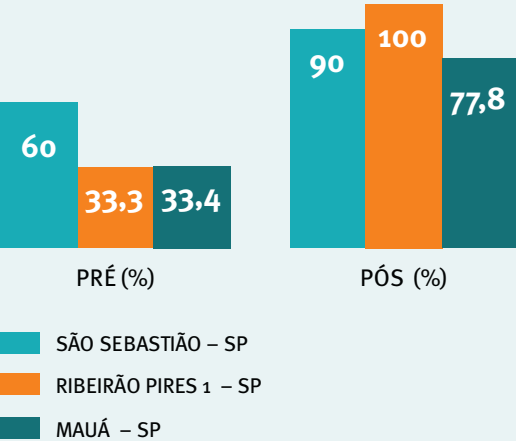


ou ainda despertam incômodos – avaliar o quanto uma ação de curto prazo, neste caso uma oficina de 16 horas de duração, pode contribuir para a promoção da equidade de gênero. Como é possível ver adiante, em alguns casos, a intervenção, apesar de breve, foi bastante eficaz. Em outros, percebemos pontos ainda intrincados, questões para um trabalho futuro e para o aprimoramento de estratégias de ação e reflexão.

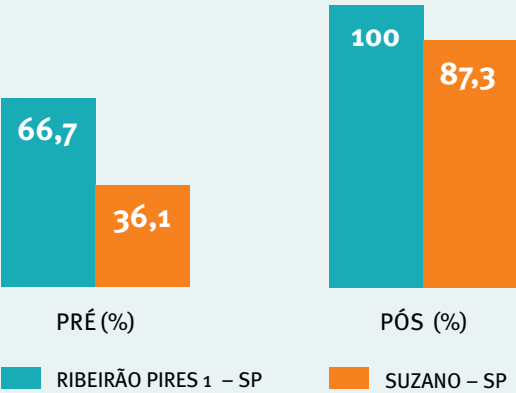
Como frisamos durante as oficinas, pensar sobre essas respostas já contribuía para o início das discussões ao atentarmos sobre como alguns comportamentos e perspectivas – apesar de tão aceitos socialmente – limitam direitos e escolhas para vidas mais saudáveis e felizes. É importante perguntar o significado da resistência à frase “Meninos podem brincar de boneca” ou por que apesar de negarmos que “Somente a mulher é quem deve tomar providências para não engravidar”, na prática, ainda são as mulheres, na maioria dos casos, as únicas responsáveis pela anticoncepção. Cada um dos tópicos da pesquisa nos coloca mais questões a serem refletidas, debatidas e, em alguns casos, transformadas.

É importante frisar que essa pesquisa não pode ser tomada como representativa das opiniões da totalidade de mulheres ou homens de qualquer cidade em que foi realizada. Diz respeito apenas à opinião dos/as participantes das oficinas de Sensibilização sobre Gênero, Sexualidade e Saúde no momento em que responderam aos questionários; por vezes, no segundo dia, as respostas já variavam.

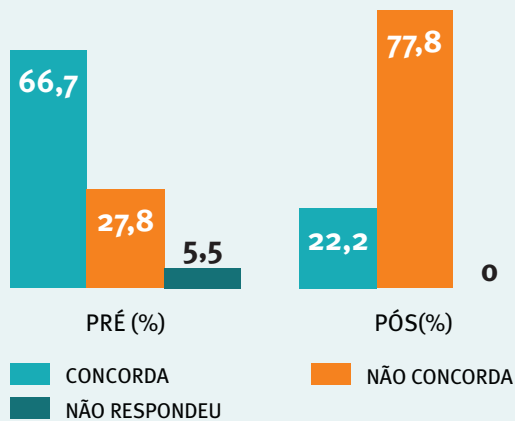
“O HOMEM PRECISA MAIS DE SEXO DO QUE A MULHER” _NÃO CONCORDAM (%)



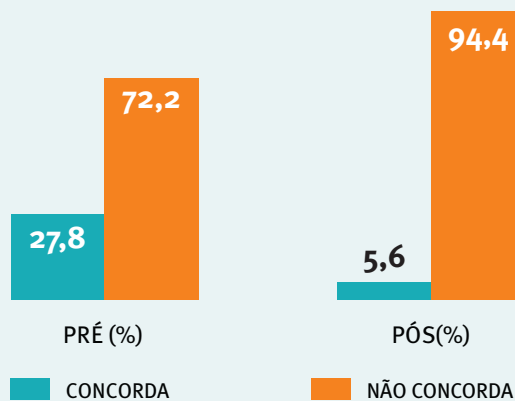
“MENINOS PODEM BRINCAR DE BONECA” CONCORDAM (%)



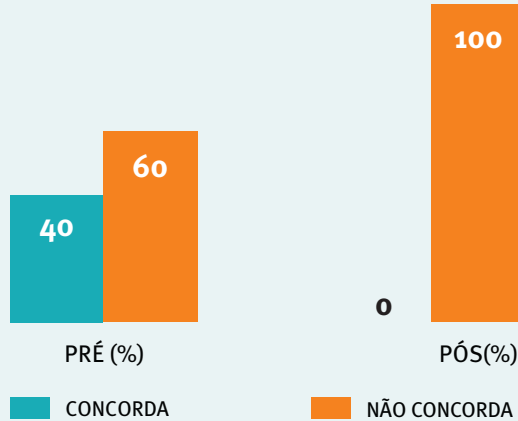
“SOMENTE A MULHER É QUEM DEVE TOMAR PROVIDÊNCIAS PARA NÃO ENGRAVIDAR”
MANAUS 1 (AM)_ MULHERES (%)



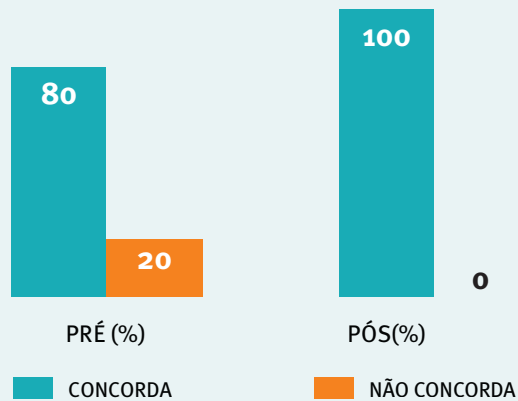
SERIA UMA OUSADIA UMA MULHER PEDIR PARA SEU PARCEIRO FAZER O TESTE DE HIV
RIO FORMOSO (PE)_MULHERES (%)



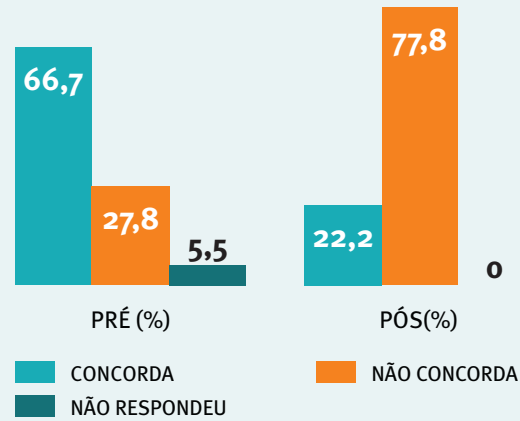
“UMA MULHER SÓ SE REALIZA COMO MULHER QUANDO TEM UM FILHO”
COARI (AM)_HOMENS (%)



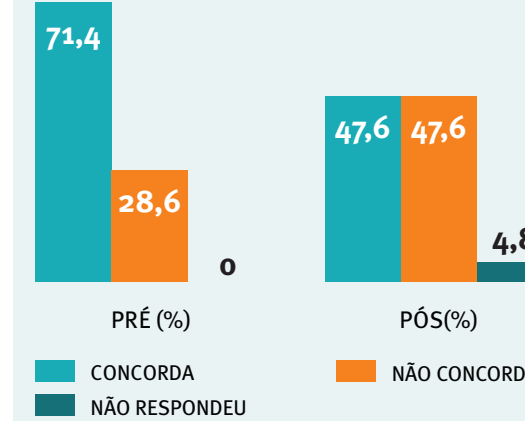
“O HOMEM DEVE FAZER O MESMO TRABALHO DOMÉSTICO DA MULHER”
COARI (AM)_HOMENS (%)



“A MULHER DEVE PARTICIPAR NA DECISÃO DE COMO GASTAR O DINHEIRO DA FAMÍLIA”
FLEXEIRAS (AL)_MULHERES (%)



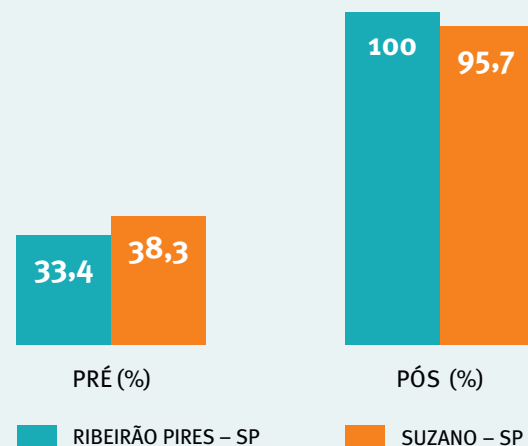
“UMA MULHER DEVE PEDIR PERMISSÃO AO SEU MARIDO PARA SAIR COM AMIGA”
CACHOEIRAS DE MACACU (RJ)_MULHERES (%)



São Gonçalo (RJ)



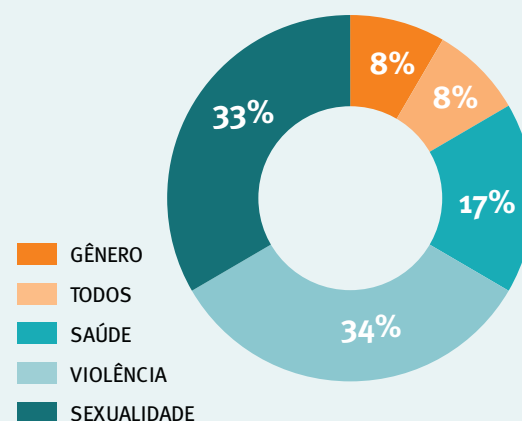
**“NA HORA ‘H’, A MULHER PODE RECUSAR
TRANSTAR COM UM HOMEM” _ CONCORDAM (%)**



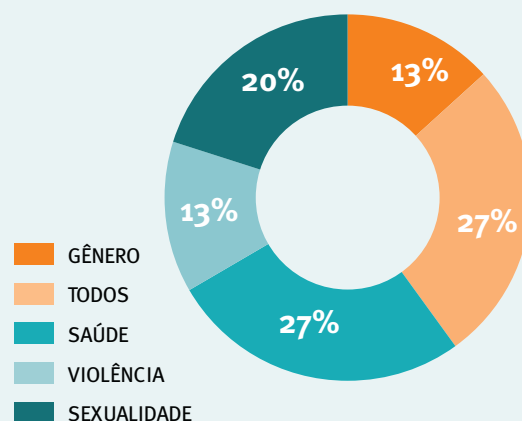
São Roque do Paraguaçu (Maragogipe/BA)



**OS TEMAS MAIS IMPORTANTES
ENSEADA DO PARAGUAÇU (BA) _ (%)**



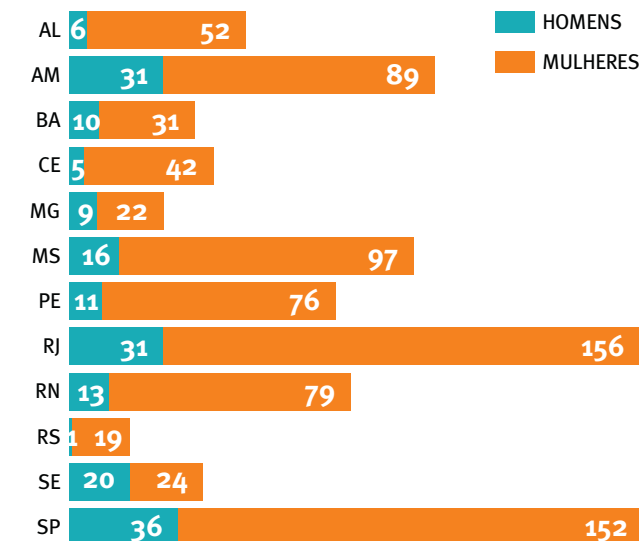
**OS TEMAS MAIS IMPORTANTES
MAUÁ (SP) _ (%)**



ALGUNS NÚMEROS

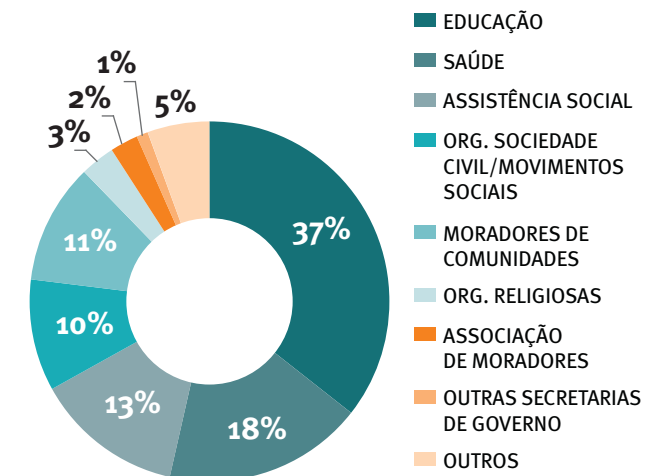
Em média, cada oficina teve 25 participantes, na maioria mulheres, como é possível observar no gráfico abaixo. A participação majoritária de mulheres em um espaço de discussão sobre esses temas indica muitas coisas, entre elas, o quanto as discussões sobre normas rígidas de gênero ainda são consideradas assunto “de e para mulheres” e apresenta um reflexo claro dessas normas até sobre nossas possibilidades ou escolhas profissionais, uma vez que ainda temos uma distribuição muito desigual de mulheres e homens em determinadas ocupações.

PARTICIPANTES POR ESTADO



Estes números referem-se aos participantes que responderam aos questionários de pré e pós-teste nas oficinas realizadas entre março de 2011 e março de 2012. Foram desconsideradas as informações de participantes que responderam a apenas um dos questionários.

PARTICIPANTES POR ÁREA



NÚMEROS FINAIS

68 oficinas
38 cidades
em 14 estados
1848 participantes
Mais de 360
planos de ação

“Acho que agora,
eu como agente comunitária,
vou ter mais liberdade para falar
de sexualidade na minha
área de trabalho”.

LINHARES, ESPÍRITO SANTO

DA ESQUERDA PARA A DIREITA: Japeri (RJ), Linhares (ES)



ALGUMAS INSTITUIÇÕES PARTICIPANTES

Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), Casas Abrigo, Conselhos de Direitos, Conselhos Tutelares, Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), movimentos pela moradia, Fórum de Mulheres, Associação de Pessoas com Deficiência, Associação de Marisqueiras e Pescadores, Centro de Referência Mulher e Cidadania, APAE, Rede Feminina de Combate ao Câncer – PE/Rendarte, Lions Club, Rotary, Associação de Bordadeiras, Sindicato dos Trabalhadores em Educação, Conselho Distrital de Saúde Indígena, Associação de Voluntários de Combate ao Câncer, além de ONGs sobre diversos temas, escolas e unidades de saúde.





“Entendi que o fato de ser mulher não me torna inferior perante um homem, que não preciso ter vergonha em falar sobre sexo e que procurar me prevenir nada mais é do que um direito meu”.

SANTA LUZIA DO ITANHY, SERGIPE

DE CIMA PARA BAIXO,
DA ESQUERDA PARA DIREITA:
Rio Grande (RS), Codó (MA),
Macaé (RJ), Montes Claros (MG)



“Alguns tabus que ainda existiam dentro de mim tiveram a resposta de como mudar e agir para auxiliar filhos e os meus alunos”.

TRÊS LAGOAS, MATO GROSSO DO SUL



À DIREITA: Codó(MA),
ABAIXO: Rio de Janeiro (RJ)



“Gostei muito da oficina e do material disponibilizado, que conseguiu abordar temas importantes apesar do tempo curto”. RIO DE JANEIRO, RJ

“Foi positiva a oportunidade que tivemos de conhecer um pouco mais sobre o trabalho dos colegas de curso. As dinâmicas também foram legais”. MOGI DAS CRUZES, SÃO PAULO

Recife (PE)



anexo_1

QUESTIONÁRIO APLICADO NO PRÉ-TESTE

Lembre-se de que não há respostas certas ou erradas e de que suas respostas serão confidenciais.

PARTE 1_ INFORMAÇÕES SOCIODEMOGRÁFICAS

1.1	Qual é o seu sexo?	1 ☐ Homem	2 ☐ Mulher	99 ☐ Não quero responder
1.2	Qual é a sua idade?	anos completos 99 ☐ Não quero responder		

PARTE 2_ ATITUDES SOBRE GÊNERO (I)

Gostaria de saber sobre a sua visão das relações entre homens e mulheres. Por favor, para cada pergunta abaixo, responda **SIM**, **MAIS OU MENOS** ou **NÃO** a cada item:

CÓD.	AFIRMAÇÕES	SIM	MAIS OU MENOS	NÃO
2.1	Somente a mulher é quem deve tomar providências para não engravidar.	1 ☐	2 ☐	3 ☐
2.2	O homem precisa mais de sexo do que a mulher.	1 ☐	2 ☐	3 ☐
2.3	Trocar fralda, dar banho e dar comida ao filho são coisas só da mãe.	1 ☐	2 ☐	3 ☐
2.4	Existem momentos nos quais a mulher merece apanhar.	1 ☐	2 ☐	3 ☐
2.5	A mulher deve agüentar a violência do marido para manter a família.	1 ☐	2 ☐	3 ☐

2.6	Masturbação é coisa só de homem.	1 ☐	2 ☐	3 ☐
2.7	Meninos podem brincar de boneca.	1 ☐	2 ☐	3 ☐
2.8	Mulheres que fazem sexo com outras mulheres deveriam ter vergonha de si mesmas.	1 ☐	2 ☐	3 ☐
2.9	Uma mulher deve pedir permissão ao seu marido para sair com amigas.	1 ☐	2 ☐	3 ☐

CÓD.	ATITUDES	SIM	MAIS OU MENOS	NÃO
2.10	Uma mulher só se realiza como mulher quando tem um filho.	1 ☐	2 ☐	3 ☐
2.11	Seria uma ousadia uma mulher pedir para seu parceiro fazer o teste de HIV.	1 ☐	2 ☐	3 ☐
2.12	Na hora H, a mulher pode recusar transar com um homem.	1 ☐	2 ☐	3 ☐
2.13	Casais homossexuais deveriam ter os mesmos direitos dos casais heterossexuais.	1 ☐	2 ☐	3 ☐
2.14	A mulher deve participar na decisão de como gastar o dinheiro da família.	1 ☐	2 ☐	3 ☐
2.15	O homem deve fazer o mesmo trabalho doméstico da mulher.	1 ☐	2 ☐	3 ☐

anexo_2

QUESTIONÁRIO APLICADO NO PÓS-TESTE

Lembre-se de que não há respostas certas ou erradas e de que suas respostas serão confidenciais.

PARTE 2_ ATITUDES SOBRE GÊNERO (II)

Gostaria de saber sobre a sua visão das relações entre homens e mulheres. Por favor, para cada pergunta abaixo, responda **SIM, MAIS OU MENOS** ou **NÃO** a cada item:

CÓD.	AFIRMAÇÕES	SIM	MAIS OU MENOS	NÃO
2.1	Somente a mulher é quem deve tomar providências para não engravidar.	1 ☐	2 ☐	3 ☐
2.2	O homem precisa mais de sexo do que a mulher.	1 ☐	2 ☐	3 ☐
2.3	Trocar fralda, dar banho e dar comida ao filho são coisas só da mãe.	1 ☐	2 ☐	3 ☐
2.4	Existem momentos nos quais a mulher merece apanhar	1 ☐	2 ☐	3 ☐
2.5	A mulher deve agüentar a violência do marido para manter a família.	1 ☐	2 ☐	3 ☐
2.6	Masturbação é coisa só de homem.	1 ☐	2 ☐	3 ☐
2.7	Meninos podem brincar de boneca.	1 ☐	2 ☐	3 ☐
2.8	Mulheres que fazem sexo com outras mulheres deveriam ter vergonha de si mesmas.	1 ☐	2 ☐	3 ☐
2.9	Uma mulher deve pedir permissão ao seu marido para sair com amigas.	1 ☐	2 ☐	3 ☐
2.10	Uma mulher só se realiza como mulher quando tem um filho.	1 ☐	2 ☐	3 ☐
2.11	Seria uma ousadia uma mulher pedir para seu parceiro fazer o teste de HIV.	1 ☐	2 ☐	3 ☐
2.12	Na hora H, a mulher pode recusar transar com um homem.	1 ☐	2 ☐	3 ☐

2.13	Casais homossexuais deveriam ter os mesmos direitos dos casais heterossexuais.	1 ☐	2 ☐	3 ☐
2.14	A mulher deve participar na decisão de como gastar o dinheiro da família.	1 ☐	2 ☐	3 ☐
2.15	O homem deve fazer o mesmo trabalho doméstico da mulher.	1 ☐	2 ☐	3 ☐

PARTE 3_ EXPOSIÇÃO ÀS OFICINAS

3.1	Para você, quais foram os temas mais importantes das oficinas? o ☐ Não tiveram 99 ☐ Não quero responder
3.2	Quais foram os pontos positivos (melhores coisas) das oficinas? o ☐ Não tiveram 99 ☐ Não quero responder
3.3	E quais foram os pontos negativos (piores coisas) das oficinas? o ☐ Não tiveram 99 ☐ Não quero responder
3.4	Qual (is) tema (s) você gostaria de discutir mais? o ☐ Não tiveram 99 ☐ Não quero responder
3.5	Você acha que alguma coisa mudou em seu comportamento ou na maneira de pensar após sua participação nestas oficinas? Se sim, em quais aspectos? o ☐ Não tiveram 99 ☐ Não quero responder



PATROCÍNIO:

PROGRAMA
PETROBRAS
DESENVOLVIMENTO
& CIDADANIA



PETROBRAS

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA